

**“COLCHA DE RETALHOS”: A ESTÉTICA DE SI NA NARRATIVA
PICTOGRÁFICA NO PARADIGMA SINGULAR PLURAL**

**“COLCHA DE RETAZOS”: LA ESTÉTICA DEL YO EN LA NARRATIVA
PICTOGRÁFICA EN EL PARADIGMA PLURAL SINGULAR**

**“PATCHWORK QUILT”: THE AESTHETICS OF THE SELF IN THE PICTOGRAPHIC
NARRATIVE IN THE SINGULAR PLURAL PARADIGM**



Margaréte May BERKENBROCK-ROSITO¹
e-mail: margaretemay@uol.com.br



Maria Thais FERNANDES²
e-mail: mariathaisprof@gmail.com

Como referenciar este artigo:

BERKENBROCK-ROSITO, M. M.; FERNANDES, M. T. “Colcha de Retalhos”: A estética de si na narrativa pictográfica no paradigma singular plural. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023150, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.18836>



| **Submetido em:** 10/07/2023
| **Revisões requeridas em:** 25/08/2023
| **Aprovado em:** 16/10/2023
| **Publicado em:** 26/12/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), São Paulo – SP – Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação Doutorado e Mestrado em Educação; Mestrado Profissional Formação de Gestores Educacionais na Universidade Cidade de São Paulo. É líder do Grupo de Pesquisa Educação Estética, Formação e Narrativas, cadastrado no CNPq. Pesquisadora Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais – Educação (CIERS-ed). Editora da Revista @mbienteeducação, da Universidade Cidade de São Paulo.

² Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), São Paulo – SP – Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação. Coordenadora Pedagógica na Rede Municipal de Educação de São Paulo.

RESUMO: O trabalho tem como objetivo compreender o sentido da dimensão estética nas narrativas autobiográficas dos participantes do dispositivo formativo e investigativo "Colcha de Retalhos" e iniciar a construção do conceito de narrativa autobiográfica pictográfica. Adota-se o conceito de estética de Schiller (2017); de Adorno (2021), o de emancipação; de Josso (2004), narrativas autobiográficas; de Freire (2023), o de autonomia, e apoiamos-nos em Moro (2016), ao abordar pictografia. A interpretação das narrativas, sob o enfoque hermenêutico, ancorada em Gadamer (2000), apresenta uma contribuição para a prática de formação estética dos professores, pesquisadores e gestores, visando à percepção da constituição de sua identidade por meio das experiências subjetivas materializadas nas narrativas. Inseridos numa cultura permeada por imagens, ao materializar sua narrativa no retalho, resgatando os primórdios da comunicação humana, os participantes podem romper com o paradigma de reprodução de uma indústria cultural, para assim experimentarem seu poder criador e autoral.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Estética. Formação. Narrativas Autobiográficas Pictográficas.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo comprender el significado de la dimensión estética en las narrativas autobiográficas de los participantes del dispositivo formativo e investigativo "Colcha de retazos" e iniciar la construcción del concepto de narrativa autobiográfica pictográfica. Se adopta el concepto de estética de Schiller (2017); de Adorno (2021), la de la emancipación; Josso (2004), narraciones autobiográficas; de Freire (2023), el de la autonomía, y nos apoyamos en Moro (2016), al abordar la pictografía. La interpretación de las narrativas, bajo el enfoque hermenéutico, anclado en Gadamer (2000), presenta un aporte a la práctica de la formación estética de docentes, investigadores y gestores, apuntando a la percepción de la constitución de su identidad a través de las experiencias subjetivas materializadas en las narrativas. Insertos en una cultura permeada por imágenes, al materializar su narrativa en el retazo, rescatando los inicios de la comunicación humana, los participantes pueden romper con el paradigma de reproducción de una industria cultural, para experimentar su poder creativo y autoral.

PALABRAS CLAVE: Educación Estética. Formación. Narrativas Autobiográficas Pictográficas.

ABSTRACT: The work aims to understand the meaning of the aesthetic dimension in the autobiographical narratives of the participants of the formative and investigative device "Quilt of Patches" and to start the construction of the concept of pictographic autobiographical narrative. Schiller's (2017) concept of aesthetics is adopted; by Adorno (2021), that of emancipation; Josso (2004), autobiographical narratives; of Freire (2023), that of autonomy, and we rely on Moro (2016), when addressing pictography. The interpretation of the narratives, under the hermeneutic approach, anchored in Gadamer (2000), presents a contribution to the practice of aesthetic training of teachers, researchers and managers, aiming at the perception of the constitution of their identity through the subjective experiences materialized in the narratives. Inserted in a culture permeated by images, by materializing their narrative in retail, rescuing the beginnings of human communication, participants can break with the paradigm of reproduction of a cultural industry, in order to experience its creative and authorial power.

KEYWORDS: Aesthetic Education. Training. Pictographic Autobiographical Narratives.

Introdução

Este artigo apresenta como objetivo compreender o sentido da dimensão estética no dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos”, uma metodologia e epistemologia desenvolvida por Berkenbrock-Rosito a partir de 2001, como proposta de formação do professor (inicial e continuada), do pesquisador e do gestor escolar, por meio das narrativas autobiográficas em suas dimensões escrita, pictográfica e oral, dentro da abordagem do paradigma singular plural, no âmbito da pesquisa-formação, baseado teoricamente em Josso (2010). Além disso, o artigo instiga-nos a pensar um conceito em construção, qual seja, a narrativa autobiográfica pictográfica, vislumbrando seu ineditismo e sua força na representação da constituição subjetiva das pessoas no ato de narrar a experiência estética como núcleo formativo dos contextos em que ocorrem o desenvolvimento pessoal e profissional.

Observamos uma lacuna na pesquisa referente à compreensão das imagens trazidas nos retalhos da colcha no grupo de pesquisa “Educação Estética, Formação e Narrativas”, da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), cadastrado no CNPq. Poucos trabalhos se debruçam neste processo de investigação e análise, a fim de apreender os sentidos e significados ali presentes.

Quando deixamos de lado a riqueza das imagens construídas nos retalhos, que tecem a história e as experiências dos sujeitos e compõem o dispositivo “Colcha de Retalhos”, perdemos a possibilidade de estabelecer uma aproximação, um diálogo, de modo a constituir uma convergência entre polos contrários, tais como conceito e imagem, singular e plural, individual e coletivo, bem como a sensibilidade e razão, foco principal da Educação Estética. Entendemos que todas estas representações trazem uma infinidade de meios e possibilidades quando apresentamos uma diversidade de formas de expressão.

O sentido primordial da palavra imagem, segundo Joly (2012), é tudo aquilo que se comunica pelo visível, que requer um processo de representação, que passa por certas leis particulares e convenções sócio-históricas. Assim, a imagem tem como foco primordial a comunicação, podendo ser semelhante ou se confundir com o que representa. A autora explana que, por ser imitação, pode educar ou ludibriar. Quando é reflexo, pode conduzir ao conhecimento, por estabelecer relações e interações que produzem sentido e significado.

Estes processos reflexivos, que ocorrem durante as experiências estéticas promovidas ao longo da participação na “Colcha de Retalhos”, são extremamente valiosos para o caminho que leva à conscientização dos participantes, em movimentos que revelam gosto e desgosto frente às suas experiências de vida, presentes nas narrativas escritas, orais e pictográficas. O

nosso foco, neste estudo, são as narrativas pictográficas, as histórias tecidas em forma de imagens nos retalhos que formam a “Colcha de Retalhos”, uma vez que precisamos considerar que estamos imersos em um universo visual, diverso e amplo, cuja linguagem caracteriza-se por ser uma das mais antigas formas de criação humana de comunicação.

Contudo, percebemos um privilégio da linguagem verbal, principalmente a escrita, deixando de lado, como Oliveira (2005) destaca, a visualidade, que possui um papel fundamental na compreensão da humanidade, pois permite um entendimento do mundo, do ser, das esferas do conhecimento e, também, do desconhecido. Neste sentido, a “Colcha de Retalhos” apresenta a narrativa pictográfica como possibilidade do desenvolvimento do eu, de o sujeito compreender a si e o mundo.

O processo de narrar sua história de vida permite que o indivíduo rememore o passado, identifique o presente e flexibilize o futuro, pois quando conta sua história, ele é capaz de compreender diferentes aspectos que construíram sua trajetória no decorrer do tempo. Assim, a imersão nas narrativas é composta de um exercício de ir e vir, selecionando o que deseja narrar, o que foi marcante em sua história, já praticando sua autonomia neste processo, ao tomar decisões sobre o que narrar e o que não narrar, contar ou não contar ao grupo, escolher as cores, texturas, imagens que tecem a sua história no retalho.

Nesta perspectiva, Delory-Momberger (2006) defende que por meio da narrativa o sujeito consegue se perceber como personagem de sua história, porque é a narrativa que dá uma história para a vida do indivíduo. Assim, não se faz a narrativa de vida por ter uma história, mas somente se percebe a história quando se constrói a narrativa.

Neste contexto, o narrador pode se conceber como um sujeito histórico, expressão utilizada por Freire (1987), dentro de uma visão de Educação Libertadora, que pressupõe o diálogo, a troca com o outro como base para a construção de conhecimento. O autor defende que a libertação autêntica ocorre como um processo de humanização e nunca poderá ser depositada pronta nos homens.

O dispositivo “Colcha de Retalhos” oportuniza aos indivíduos, via estética, a concepção de si como um sujeito histórico, e através do pensar e repensar sua história cria-se possibilidade de a ressignificar e encontrar os processos formativos de sua trajetória. Assim, compreendemos que o trabalho com narrativas confronta as práticas de Educação Bancária, imobilistas, que desconfiguram os seres, tratando-os como meros reprodutores ou simples receptores de conhecimento, como aponta Freire (1987).

O processo de produção das narrativas autobiográficas, sejam construídas com palavras (oral ou escrita) e imagens (pictográfica), possibilita que o participante tenha a experiência de escolher o que deseja revelar ou não, tomando decisões e selecionando situações a serem expostas, experimentando sensações de gosto e de desgosto. Deste modo, todo texto, seja constituído de palavras ou imagens, são considerados aqui como narrativas autobiográficas oriundas do dispositivo “Colcha de Retalhos”, que podem ser objeto de estudo para pesquisa ou contribuir no processo formativo (inicial ou continuado) de docentes, gestores e pesquisadores.

Este processo de reflexão e de tomada de consciência é permeado pela experiência estética, que mobiliza o sujeito a ampliar seus horizontes, oportunizando sua libertação de pensamentos pré-determinados, que almejam delinear a sociedade, conforme Schiller (2017). O autor apresenta o potencial da Educação Estética, afinal, por meio dela, os indivíduos podem alcançar a sensibilidade, encontrando um equilíbrio entre que é considerado racional e o que é considerado sensível. Para Schiller (2017), essa relação encontra-se numa espécie de jogo lúdico, capaz de libertar o homem.

Esta libertação também precisa considerar o sujeito frente a uma sociedade envolvida pela indústria cultural, conceito desenvolvido por Adorno (2020), destacando o quanto os indivíduos são influenciados pelas mídias e tornam-se seres alienados da situação em que se encontram, principalmente por não se verem neste processo de alienação e massificação.

Adorno (2020) aponta que, nesse processo de massificação, os indivíduos não são capazes de enxergar-se enquanto sujeitos que poderiam pensar de forma autônoma. O autor ainda elucida que esse nível de submissão torna os indivíduos imobilizados e estáticos frente à indústria cultural, pensando de modo condicionado, ou seja, a indústria cultural direciona seus olhares e desejos na direção desejada por ela.

Neste contexto, Schiller (2017) assevera que o homem se encontra fragmentado, sem harmonia, sem humanidade em sua natureza, constituindo-se como mera reprodução. Assim, é necessário que se pense uma educação que abarque o ser humano em toda sua completude. Santos (1995) destaca que Schiller demonstra uma urgência da educação da faculdade do sentir, ou seja, da Educação Estética, dimensão esquecida que impede a formação plena e integral do ser humano.

A representação imagética é um caminho possível, do qual emergem os sentidos e significados que o sujeito atribui ao mundo e a si mesmo. A apropriação e interpretação humanas dos fenômenos vivenciados são sempre reflexos das imagens que os sujeitos

constroem, pautadas por seus sentidos e formas de conhecer. A experiência pautada na aprendizagem possibilita perceber que a subjetividade vai se constituindo de pequenos encontros que o professor, gestor e pesquisador tem durante sua jornada formativa via experiência estética.

Documento autobiográfico: como vai se constituindo a subjetividade

Nunca é demais repetir que a “Colcha de Retalhos” foi uma proposta de alunos e alunas do Curso de Pedagogia, durante o ano de 2001, realizada após assistirem ao filme **Colcha de Retalhos** (*How to make an American quilt*, dirigido por Mocelin Moorhouse, EUA, 1995) e, depois, levada para o Programa de Pós-Graduação em nível de Mestrado e Doutorado em Educação. O dispositivo foi utilizado como encerramento de algumas disciplinas ministradas por Berkenbrock-Rosito no curso de Pedagogia, com determinadas etapas realizadas coletivamente na sala de aula e outras individualmente.

A elaboração da “Colcha de Retalhos” ocorre pela trama composta pela história de cada participante tecida nos retalhos. A trama desta colcha envolve todas as etapas e estratégias de cada dimensão proposta (escrita, pictográfica e oral). Cada etapa, cada estratégia da colcha, cada dimensão de narrativa que hoje está constituída e sistematizada deste modo, desde 2001, por Berkenbrock-Rosito, foi e está sendo está elaborada a partir da crítica e das contribuições que os participantes e que o grupo de pesquisa “Educação Estética, Formação e Narrativas”, da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), cadastrado no CNPq, fizeram e fazem. Temos a seguir os registros da exposição do dispositivo “Colcha de Retalhos” no VIII Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), de 2018, realizado em São Paulo.

Figura 1 – Colcha de Retalhos exposta – CIPA 2018



Fonte: Acervo Berkenbrock-Rosito

Figura 2 – Colchas de Retalhos expostas – CIPA 2018



Fonte: Acervo Berkenbrock-Rosito

A “Colcha de Retalhos” proporciona diferentes processos narrativos: narrativas biográficas, autobiográficas escrita, filmica, oral e pictográfica como um fenômeno antropológico educacional, método de pesquisa e como dispositivo pedagógico de formação.

Além disso, estes elementos sistematizados possibilitam transpor a racionalidade presente na produção das narrativas, como aponta Josso (2004, p. 264):

As narrativas de histórias de vida usam uma linguagem racional e, na maior parte das vezes, convencional, mas a interpretação narrativa e espontânea do itinerário de vida comporta uma dimensão imaginária, porque se trata de uma releitura do passado na ótica do questionamento, dos projetos, dos desejos e das perspectivas de vida inscritas no presente, passado e nas projeções, mais ou menos conscientes de um futuro próximo ou longínquo.

Esse exercício possibilita que o sujeito reflita sobre os acontecimentos passados e entenda o que foi formativo ou não em sua trajetória. Josso (2010, p. 189) compreende esse processo reflexivo como:

[...] atividades reflexivas ora individuais, ora coletivas que, no jogo de alternâncias, alimenta a tomada de consciência, não somente daquilo que foi formador e em que nível foi, mas igualmente das dinâmicas às quais o sujeito se entregou ou se deixou levar. Esse conjunto de atividades reflexivas consiste também num processo de conhecimento cujo intento é a compreensão da formação do sujeito e do lugar do sujeito nesse processo.

Podemos compreender esta como uma lacuna na formação docente (inicial e continuada), bem como na formação do pesquisador ou gestor educacional, muitas vezes pautadas por um viés tecnicista, focado apenas nos conteúdos a serem transmitidos, desconsiderando toda a constituição do sujeito professor/pesquisador/gestor.

Os modelos educativos são um testemunho desta dominância do pensar racional em detrimento das outras vias de conhecimento [...] este “esquecimento” das dimensões da nossa humanidade nos ajuda a compreender o “mal-estar” psicossomático que manifestamos cada vez com mais frequência (JOSSO, 2004, p. 266).

Nesta perspectiva, o dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos” consegue ir além, pois em seu cerne há a Educação Estética. Para Schiller (2017), o homem está partido, em desacordo, pois acaba por estar em permanente luta entre o racional e o sensível, contudo, ele acredita que “o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração” (SCHILLER, 2017, p. 46), ou seja, somente uma educação para a sensibilidade pode construir um conhecimento para a vida.

Schiller (2017) defende que o homem é composto de dois impulsos: o formal, que se alia à natureza racional, e o sensível, ligado às sensações através das quais compreende e percebe o mundo. Para ele, estabelecer o equilíbrio entre os dois impulsos é tarefa da cultura, resguardando a sensibilidade das intervenções da liberdade e defendendo a personalidade contra o poder da sensibilidade, preservando o racional. Quando o homem consegue o equilíbrio, alcança a existência plena, independente e livre, tendo o mundo em si e não apenas submetido aos múltiplos fenômenos.

Deste modo, o autor destaca que o homem deve sentir por ser consciente e ser consciente por sentir. Quando consegue simultaneamente ser consciente de sua liberdade e sentir a experiência, tem intuição da humanidade. Assim, o impulso em que o formal e o sensível atuam juntos é o lúdico, de modo a harmonizar as ideias da razão e compatibilizar o interesse oriundo dos sentidos.

Consoante, Josso (2004) demonstra como as narrativas de histórias de vida conseguem ser este momento do impulso lúdico, em que razão e sensibilidade podem caminhar juntas e contribuir para a formação docente, ou seja, as experiências estéticas promovidas no desenrolar do dispositivo “Colcha de Retalhos” se enquadram aí.

As narrativas de histórias de vida que ouvimos, lemos, trabalhamos com seus autores dão-nos acesso a essas dimensões de sensível, da afetividade e do imaginário, como tantas outras cores e notas musicais que ganham forma na trama racional das narrativas. As ciências humanas, ao imitarem servilmente o paradigma positivista das ciências da natureza, por toda espécie de razões política e historicamente explicáveis e compreensíveis, foram-nos habituando a abordar as realidades da vida dos seres humanos em categorias estandardizadas, construídas numa concepção cartesiana de recorte do objeto. Fazendo isto, muitos de nós perdem a capacidade de expressão das outras dimensões não-rationais do estar-no-mundo e, o que é ainda mais grave, às vezes, afastamo-nos dessas dimensões não-valorizadas nos lugares sociais que são os nossos, por termos também, de vez em quando, a convicção que essas dimensões são lamentáveis resíduos de épocas históricas anteriores (JOSSO, 2004, p. 265-266).

Desta forma, as narrativas autobiográficas permitem que o sujeito religue “a razão (sujeito epistêmico) e a emoção (sujeito empírico), separados pelas tradicionais dicotomias: sujeito/objeto, razão/emoção, teoria/prática” (PASSEGGI, 2016, p. 310).

A “Colcha de Retalhos” é capaz de romper com a fragmentação do sujeito, constituindo o sujeito autobiográfico, porque reflete sobre si e sobre a produção de sua narrativa.

[...] o sujeito, em todas as fases da vida, apropria-se de instrumentos semióticos (a linguagem, o grafismo, o desenho, os gestos, as imagens etc.) para contar suas experiências sob a forma de uma narrativa autobiográfica que

até então não existia. E nesse processo de biografização, a pessoa que narra, embora não possa mudar os acontecimentos, pode reinterpretá-los dentro de um novo enredo, reinventando-se com ele (PASSEGGI; SOUZA, 2016, p. 8).

O dispositivo consegue contemplar inúmeras linguagens e possibilidades para que o sujeito se expresse e construa sua narrativa autobiográfica, como podemos observar no quadro síntese a seguir.

Quadro 1 - As dimensões da “Colcha de Retalhos”

	Narrativa escrita	Narrativa pictográfica	Narrativa Oral
1º etapa	Descrever três cenas marcantes de sua experiência no Ensino Médio/Superior.	Buscar imagens e metáforas nos relatos escritos para a confecção do retalho e montar imageticamente sua narrativa	Contar a sua história e ouvir a história do outro
2º etapa	Elaboração do quadro “Linha da vida”. Realização de um mapeamento de momentos charneiras	Registros fotográficos realizados após a exposição da colcha pronta	Costura coletiva dos retalhos
3º etapa	Assistir ao filme Colcha de Retalhos , buscar metáforas significativas da sua história de vida, compondo assim a etapa da narrativa filmica		Apreciação estética da obra “Colcha de Retalhos”, impressões e discussões acerca da construção coletiva

Fonte: Adaptado de Oliveira (2022, p. 105)

É importante esclarecer que nem todas as etapas e estratégias são realizadas linearmente ou em sua completude, sempre dependerá das condições e dos objetivos do uso do dispositivo. O processo de construção das narrativas pode se dar num ambiente físico, como uma sala de aula, por exemplo, ou mesmo num ambiente virtual, como realizado no Grupo de Pesquisa durante o período da pandemia de Covid-19 (2020 e 2021), o que demonstra a versatilidade do dispositivo “Colcha de Retalhos” e sua ampla possibilidade de adequação a diferentes contextos e cenários. Determinadas etapas são efetivadas individualmente, como a construção do Quadro “Linha de vida” e a narrativa filmica, contudo, algumas são obrigatoriamente realizadas no coletivo, como a narrativa oral e a costura dos retalhos, seja presencial ou virtualmente.

Vale frisar que estas narrativas autobiográficas escritas, orais e pictográficas, compreendidas aqui como produtos finais da “Colcha de Retalhos”, podem ter diferentes finalidades. Uma delas é o objetivo formativo que o processo reflexivo proporciona, tanto na formação inicial de professores, quanto continuada, bem como na formação de gestores

educacionais e pesquisadores, de modo que todos possam reconhecer como sua trajetória influencia e até mesmo determina seu fazer cotidiano e suas decisões futuras. Ao considerarmos o dispositivo como meio de investigação de determinada temática pesquisada, ele produz os objetos de estudo a serem analisados.

Compreendemos que algumas etapas e estratégias constituintes do dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos” conseguem ampliar as possibilidades na elaboração de narrativas autobiográficas. Josso (2004) aponta um limite no processo de construção das narrativas de vida, quando os sujeitos encontram dificuldade para enxergar os momentos de suas trajetórias que fizeram com que suas vidas fossem transformadas, sendo necessário para este processo de conscientização algumas indagações sistemáticas com o objetivo de promover reflexões.

Neste sentido, a proposta do dispositivo “Colcha de Retalhos” com as questões sobre as cenas marcantes na trajetória escolar/acadêmica dos participantes e como eram as relações com o conhecimento e com os professores, se de autoria ou submissão, cumpre este papel, direcionando o foco de cada sujeito para repensar como estas experiências têm ainda hoje poder em suas escolhas como docente.

Este processo de reflexão é marcado por momentos de escolha do que revelar ou não na produção da narrativa autobiográfica, o que promove um movimento de autonomia do sujeito, em que ele decide, pois como aponta Freire (2023, p. 105):

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. [...] A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.

Desta maneira, conseguimos perceber como o dispositivo cria condições para promoção de experiências estéticas que dão a oportunidade de os sujeitos se perceberem como autores e protagonistas de suas histórias de vida.

Além disso, o participante torna-se capaz de compreender que seu processo de formação é contínuo e não tem fim, por ser composto de tudo que vivenciou, estudou e de tudo que ainda viverá. Apenas deste modo o sujeito consegue alimentar a esperança e fazer dela sua sustentação.

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. [...] É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança (FREIRE, 2023, p. 57).

Outra estratégia presente no dispositivo “Colcha de Retalhos” é a construção do Quadro “Linha de vida”, composto por momentos charneira, concebidos por Josso (2004) como aqueles que promovem grandes transformações no modo de ser e pensar do sujeito. Charneira é uma dobradiça, que, no contexto das narrativas de vida, pode ser entendido como o momento que divide e articula diferentes fases da vida.

Uma estratégia bastante envolvente do dispositivo é a narrativa filmica, quando os participantes assistem ao filme **Colcha de Retalhos** (*How to make an American quilt*, dirigido por Mocelin Moorhouse, EUA, 1995), cuja narrativa traz lembranças com metáforas significativas para cada ocasião vivada, como por exemplo: “morangos significam sedução, o vento parece apontar tempos de transformação, o mergulho, movimentos e fontes formativas; a colcha, a harmonia e riqueza dos diferentes retalhos e singularidade dos processos criativos”. (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 495-496).

Compreendemos que esta estratégia seja um diferencial no dispositivo “Colcha de Retalhos” por trazer um disparador para a reflexão, uma obra de arte, podendo ser adaptada a cada contexto, seja com uma música, a observação de uma imagem ou a leitura de um poema. É importante destacar este como um dos ricos e diferenciados momentos da interação se o compararmos aos outros processos de construção de narrativas autobiográficas, pois conduzem o sujeito a uma experiência estética, equilibrando razão e sensibilidade na interpretação do que vê, ouve ou lê.

É essencial considerarmos a potência que o dispositivo possui para ser utilizado como instrumento de pesquisa, por seu poder investigativo, que promove maior abertura dos participantes e fornece inúmeros dados para serem interpretados, para além de uma entrevista ou um questionário. Quando objeto de estudo do grupo de pesquisa de Berkenbrock-Rosito, as narrativas autobiográficas são analisadas pelo enfoque hermenêutico.

A ação de narrar implica, ao mesmo tempo, um processo (a narração) e um produto dele resultante (a narrativa). Na narração, a pessoa que conta se apropria da linguagem no ato de enunciação. Assim fazendo, ela simultaneamente desenvolve um trabalho hermenêutico, interpretativo para dar sentido às experiências narradas, e um trabalho de textualização, pelo qual produz uma narrativa, organizando os acontecimentos sob a forma de um enredo, de uma história com começo, meio e fim (PASSEGGI, 2016, p. 306).

Deste modo, aquele que pretende compreender estará exposto à uma confusão promovida por suas opiniões prévias acerca daquilo que busca apreender, aponta Gadamer (2000). Assim, o saber da experiência constitui-se do lugar do outro, no jogo destas experiências vivenciadas: “o saber gerado pela experiência hermenêutica abraça as próprias pessoas, a sua história, o seu saber prévio, seus preconceitos e suas expectativas” (GADAMER, 2000, p. 42).

Este processo de análise e compreensão no viés da Hermenêutica Filosófica de Gadamer (2000) possibilita uma interpretação contextualizada, por reconhecer e privilegiar o discurso dos sujeitos, que cria um sentido à palavra dita, esse entendimento do pensamento do outro e do mundo, e conseqüentemente a compreensão de si. Sendo assim, “compreender significa que eu posso pensar e ponderar o que o outro pensa. [...] Compreender não é, portanto, uma dominação do que nos está à frente, do outro e, em geral, do mundo objetivo” (GADAMER, 2000, p. 23).

Esta compreensão pressupõe o despir-se de suas histórias e conceitos já estabelecidos para enxergar e perceber a situação de outro lugar. O trajeto para compreensão das histórias narradas é da palavra ao conceito, pois como esclarece o autor:

O caminho vai “da palavra ao conceito” – mas precisamos chegar do conceito à palavra, se quisermos alcançar o outro. Só assim ganhamos uma compreensão racional, de uns para com os outros. Só assim temos a possibilidade de recolher-nos, para deixar valer o outro. Eu acredito em um deixar-se absorver em algo, de tal modo que, nisso, se esqueça a si mesmo (GADAMER, 2000, p. 25).

Na perspectiva de Gadamer (2000), tudo o que pode ser conhecido é linguagem. O mundo, sem a linguagem, seria sem sentido das coisas vistas e percebidas de maneira empírica. Este processo de compreensão é composto de movimento que vão da parte ao todo e à parte e ao todo, de maneiras sucessivas, até se alcançar a totalidade do objeto que se aprecia.

Narrativa autobiográfica pictográfica: uma estética do pensamento em movimento

O aspecto que torna a “Colcha de Retalhos” tão peculiar e especial é a elaboração do retalho, a construção material da colcha, unindo as partes no todo. Este processo lúdico de confecção do retalho possibilita que o participante retome até mesmo sua infância, do brincar com objetos e constituir imagens.

Neste contexto formativo, é essencial valorizarmos as imagens, principalmente se considerarmos a cultura em que estamos inseridos, que usa as imagens, mas que realmente, como aponta Hillman (1997, p. 119): “ainda não pensa em imagens. Nós as vemos – vamos aos

filmes e assistimos imagens e lemos poesia, mas nosso pensamento ainda é científico, explicativo e plano”.

As imagens são interposições entre o ser humano e seu meio. Essa afinidade na mediação trata dos mais variados tipos de figuras: logotípias, iconografias, marcas de produtos, entre outros, e estão presentes no cotidiano e fundamentam as diversas relações técnicas e tecnológicas e os fatores culturais e geográficos contribuem para a assimilação e absorção da percepção humana com as imagens (MORO, 2016, p. 167).

Este modo de conceber a comunicação e a importância das imagens precisa ser considerado quando trabalhamos com as histórias de vida de docentes, estudantes, gestores e pesquisadores, pois tratamos as narrativas como documentos históricos que permitem investigar aspectos significativos, de maneira a ampliar a compreensão sobre a formação de professores e profissionais de outras áreas.

Quando analisados pelas culturas da contemporaneidade, os conjuntos gráficos podem ter força de ressignificação onde a temática da pictografia entra em questões socioculturais do espectador, e sua identificação cria outra significação. As mudanças podem ser caracterizadas e apreciadas de maneiras diferentes por diversas culturas, identificando nos elementos representados significados totalmente novos. Um exemplo contemporâneo acontece com o emoticon (junção das palavras em inglês emotion e icon). O emoticon, muito utilizado para a comunicação de textos em meio eletrônico, é usado para expressar a intenção em um formato gráfico inserido muitas vezes dentro do contexto de um texto escrito (MORO, 2016, p. 47).

As primeiras escritas de que se tem conhecimento eram pictográficas, o que comprova o valor primordial da imagem na percepção e comunicação humana. Este modo de escrita não representava a linguagem verbal, mas trazia objetos, figuras e ideias, independentemente da lógica temporal do discurso. Os pictogramas não estabeleciam relação com a linguagem fonética, eram esboços da realidade, permitindo reconhecer o que era representado (MORO, 2016).

A pictografia é um elemento de comunicação que se diferencia das formas textuais, pois ela é capaz de conferir múltiplas interpretações dependentes da forma como a pessoa o lê. O leitor também está dentro de uma cultura e é influenciado por ela atingindo o campo interpretativo (MORO, 2016, p. 166).

Neste contexto, a narrativa autobiográfica pictográfica consegue resgatar o meio mais primitivo de comunicação e trazer para um processo formativo/investigativo uma forma de expressão muito utilizada também no cotidiano digital dos sujeitos, como no caso hoje dos *emoticons* e *emojis* tão usados nas redes sociais.

A imagem, quando representada, por mais concreta que possa parecer, ainda não é o objeto real em si. É comum identificarmos uma imagem como um elemento que está representado mas, a partir do momento em que são concebidas, são apenas idealizações de algo que se pretende criar na mente de quem as observa. Elas possuem a força de informar e modificar ambientes, complementar histórias, lugares e cunhar pensamentos (MORO, 2016, p. 50).

Assim, na etapa da elaboração da narrativa pictográfica, os participantes procuram encontrar imagens e metáforas na narrativa escrita para compor com todos os participantes um produto final único. Esta transposição requer criatividade e abertura do participante para que seja capaz de representar sua narrativa por imagens, formas, cores e outros elementos, elaborando o retalho a partir da escrita.

Perissé (2004) revela que a escrita é “um esforço de criação, uma aventura, um processo de elaboração do caos, uma evolução do rascunho à formulação mais perfeita possível” (PERISSÉ, 2004, p. 80). A escrita do discurso narrativo pelos discentes é um processo de criação; o escrever remete a uma busca profunda a respeito de suas experiências de vida e produz reflexão sobre elas. Esse movimento revela também um lugar de apropriação para estes sujeitos, que narram sobre suas vivências e descobertas e, na medida em que mergulham nesse discurso teórico, podem ver o desencadear de uma nova consciência de si.

Se o momento da escrita já é tão complexo, engendrar a narrativa pictográfica a partir dela também é um convite ao adulto participante se envolver com diversos materiais (tecidos, miçangas, tintas, linha, agulha, cola, lantejoulas, para construir imagetivamente sua narrativa de vida. Neste processo, as escolhas e decisões são ainda mais importantes pela delimitação do espaço, o tamanho de uma folha de sulfite A4 e pelo desafio de traduzir sua trajetória em alguns elementos (imagens, cores, linhas, formas, texturas).

Figura 3 – Colcha de retalhos pronta para apreciação



Fonte: Acervo de Berkenbrock-Rosito

Normalmente, este é um momento realizado individualmente, até pela reflexão que o sujeito necessita ter com ele mesmo, nos momentos de decisão do que expor, de quais materiais utilizar e de como transpor sua metáfora para uma imagem, por ser um momento de criação. Este é um momento singular que se constituirá no coletivo na narrativa oral.

Nestes momentos, percebemos que as lembranças não são só nossas, mas compostas por questões universais da humanidade num determinado contexto, isto é, os participantes do dispositivo percebem que estão inseridos em muitas situações semelhantes que seus colegas.

Durante a costura dos retalhos já prontos ocorre a narrativa oral, quando os participantes, em roda, contam aos colegas suas histórias de vida, com momentos de escuta e acolhida do outro, estabelecendo novas relações do paradigma singular/plural ou individual/coletivo, pois o sujeito passa a se enxergar também na história narrada pelo outro. Afinal, “escutar [...] significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (FREIRE, 2023, p. 117).

Figura 4 – Momento da narrativa oral



Fonte: Acervo de Berkenbrock-Rosito

Neste contexto, a narrativa oral atua como mediadora entre as narrativas pictográficas e escritas, costurando as histórias reveladas por cada participante. É interessante destacar que as narrativas trazidas acabam por ter origem dentro da turma se apoiando uma na outra, ou seja, caso haja mais relatos de lembranças tristes e de sofrimento, normalmente o grupo seguirá esta mesma linha temática.

O retalho-história diz da experiência de cada participante como produtor de um saber nos processos formativos, que tem sido ignorada em nome de uma educação pronta para o consumo. Ao refletir sobre sua experiência, o docente/pesquisador/gestor tem a possibilidade de deixar de ser um mero receptor neutro para ser o atuante da própria história: a experiência proporciona a consciência do sujeito de que não é apenas determinado historicamente, mas também faz história.

Este é o momento em que singular e plural se encontram e formam uma nova possibilidade de compreensão: a colcha sendo costurada com as produções de cada participante, oriundas de valiosas experiências estéticas que promoveram um amplo processo reflexivo. A “Colcha de Retalhos” pode ser concebida aqui como o fruto das reflexões materializadas nas narrativas autobiográficas escrita, oral e pictográfica.

Figura 5 – Costura da colcha

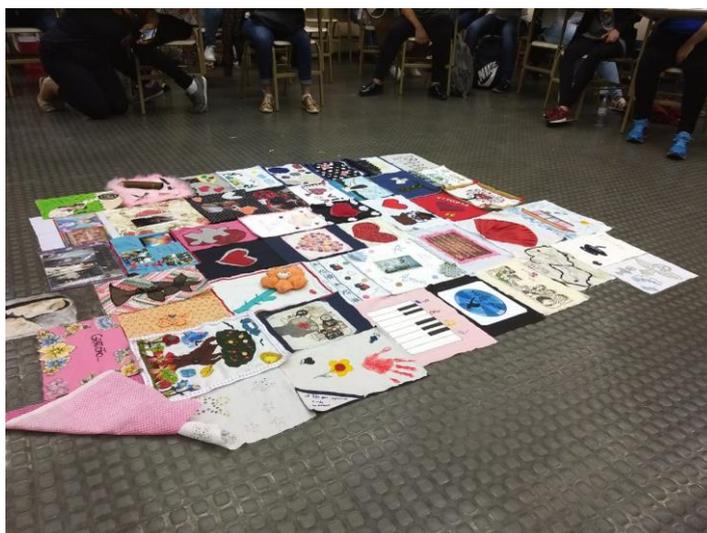


Fonte: Acervo de Berkenbrock-Rosito.

Neste cenário, temos Estética e Hermenêutica unidas, pois vemos as partes, ou seja, os retalhos, constituídos das narrativas pictográficas de cada participante, construindo uma nova imagem: o todo. Esta relação do todo com as partes é conceito bastante aprofundado por Gadamer (2000), do mesmo modo que Schiller (2017) observa o homem fragmentado, mas unindo suas partes (racional e sensível) no impulso lúdico.

Assim, conseguimos compreender o processo formativo dos participantes individualmente, marcado por experiências singulares, além de apreender sentidos do contexto geral que formou estes profissionais, com questões que transpassaram as experiências de todos, o que gera a identificação e amplia ainda mais o conhecimento de si e do mundo.

Figura 6 – Disposição da “Colcha de Retalhos”



Fonte: Acervo de Berkenbrock-Rosito

Figura 7– Elaboração coletiva da “Colcha de Retalhos”



Fonte: Acervo de Berkenbrock-Rosito

A arte, em momentos formativos, neste trabalho representada pela arte da escrita, do cinema, da oralidade, da costura dos retalhos (que, na medida em que age sobre os sentidos humanos, provoca sentimentos), equivale a um elemento educador. Possibilita aos sujeitos a apreensão do mundo, o conhecimento das nuances do cotidiano, das experiências, incorporando sentidos que fazem parte da própria vida.

A Educação Estética, nos processos narrativos, apresenta como valor estético o desenvolvimento da autoria, autonomia e emancipação do professor, pesquisador e gestor

educacional. O entendimento a respeito do lugar da Educação Estética considera as emoções, o sensível como uma questão epistemológica nos processos narrativos dos sujeitos.

A experiência formativa, de que tratam Adorno (2020) e Freire (2023), aponta para a possibilidade da autonomia do sujeito, dando suporte para a formação (*Building*), momento em que o sujeito deixa de ser apenas consumidor de teorias para tornar-se construtor de novos saberes. Adorno (2020) considera, contudo, que, no âmbito da massificação, a arte encontra-se em estado de paralisia. A própria autonomia da arte volta-se contra ela, pois passa ao âmbito das mercadorias e serve de veículo ideológico ao poder social. Ainda assim, a arte pode ser um elemento que, indiscutivelmente, conduz à emancipação. Ela, por isso, deve estar interligada com a educação, já que conduz à consciência crítica (ADORNO, 2021).

Costuras Estéticas: que elementos aproximam a razão e a emoção

A costura à mão é uma técnica profícua e esquecida nos espaços formativos. A elaboração da colcha faz uso da técnica da costura para tramar as narrativas poéticas em tecidos variados. Em cada retalho há vestígios - marcas de vivências que entrelaçam o tecido de ser professor e pesquisador.

Na costura coletiva dos retalhos, na qual cada retalho é costurado formando a “Colcha de Retalhos”, as mãos costuram e/ou aprendem a arte do diálogo, sobretudo, as narrativas propiciam um modo de educar para o sentir, com o não entender no primeiro momento, o arrebatamento e a possibilidade desse entendimento em outro momento, ou pelo menos parte dele. Aprender a ler esse arrebatamento, mesmo que dele não se goste, desenvolve a imaginação, a inteligência, a criatividade, a consciência crítica e, sobretudo, a sensação epifânica, que nos acontece no cotidiano, indicando traços de nossa subjetividade e identidade.

No processo do dispositivo formativo, a partir da proposição da materialização das narrativas escritas em retalhos, depois da escrita, os participantes montam a imagem representativa de sua história nos retalhos, em pleno processo de criação: rompem o espaço do papel criando as mais diversas composições, com costura, alinhavo, bordado, ampliando o sentido das linhas e das cores, indo além da palavra escrita e oral.

Rompem também com o paradigma de reprodução de uma indústria cultural que engessa os sujeitos como meros consumidores, extinguindo seu poder criador e autoral. Isso ocorre quando o participante narra sobre os diferentes espaços e tempos de trajetórias singulares tecidas no coletivo, levando em consideração a criatividade, as sensibilidades e sensações.

Modos expressivos diversos intensificam a abertura dos sentidos e articulam o que não pode estar separado – o sensível e o inteligível –, ativando cognição e afeto, mobilizando razão e sensibilidade.

Vale também destacar que a “Colcha de Retalhos” combina numa mesma imagem várias maneiras de perceber a trajetória formativa constituída no tempo e espaço. Na verdade, não se pode perceber, ao mesmo tempo, todas as possíveis visões de um acontecimento, lembrança, recordação; é preciso, como um artista, fazer um esforço para imaginar outras perspectivas, ou as perspectivas dos outros.

Os modos de narrar (escrita, oral e pictográfico) são também modos de ser. Quando o trabalho autobiográfico se abre para exercícios narrativos que recorrem à arte e à criação literária, a escrita de si transcende a emoção de sentir-se inteligente, mas conduz o narrador ao prazer estético. Os participantes são orientados a olhar os detalhes, contrastes, movimentos, cores, cheiros, sabores, sons, assim como a recolher retalhos, a tirar fotografias, já pensando em como apresentar o resultado de suas narrativas.

Esses modos de narrar abrem as portas para estudos interpretativos, de percepção e compreensão da aprendizagem da estética. Propõe-se, enfim, que as narrativas tecidas nas escritas e nas histórias por meio de materialidades expressivas desencadeiem processos de construção de conhecimentos outros, dando visibilidade à trama que entrelaça história pessoal, escolar e profissional.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Indústria Cultural**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

BERKENBROCK-ROSITO, M. M. Colcha de Retalhos: história de vida e imaginário na formação. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 487-500, 2009. DOI: 10.5902/19846444. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1610>. Acesso em: 08 out. 2023.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projetos. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006. DOI: 10.1590/S1517-97022006000200011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2023.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2000.

HILLMAN, J. **An inquiry of image**. Connecticut: Spring, 1997.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

JOSSO, M. C. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MORO, G. H. M. **Pictograma e pictografia: objeto, representação e conceito**. Orientadora: Luciana Martha Silveira. 2016. 177 f. Tese (Doutorado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2016.

OLIVEIRA, A. C. M. A. Visualidade, entre significação sensível e inteligível. **Educação e Realidade**, v. 30, n. 2. p. 107-122, jul./dez. 2005. ISSN 0100-3143. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12418>. Acesso em: 08 out. 2023.

OLIVEIRA, K. M. **Experiência estética e narrativas (auto) biográficas: uma urdidura da autonomia e submissão tramada de medo e ousadia na tecedura da “Colcha de Retalhos”**. Orientadora: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. 2022. 283 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2022.

PASSEGGI, M. C. A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo. v. 2, n. 2, p. 302-314, ago./dez. 2016. ISSN 2447-2654. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/457>. Acesso em: 08 out. 2023.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigacion Cualitativa**, Urbana, Illinois, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2016. DOI: 10.23935/2016/01032. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317673701>. Acesso em: 08 out. 2023.

PERISSÉ, G. **Ler, Pensar e Escrever**. 4. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

SANTOS, L. R. Educação Estética, a dimensão esquecida. *In*: SANTOS, L. R. dos. **Educação Estética e utopia política**. Lisboa: Edições Colibri, 1995.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem numa série de cartas**. São Paulo: Iluminuras, 2017.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Não houve necessidade de Comitê de Ética.

Disponibilidade de dados e material: Não há dados e materiais, pois se trata de um artigo conceitual.

Contribuições dos autores: Margaréte May Berkenbrock-Rosito contribuiu com os conceitos de Educação Estética, bem como com os passos da construção do dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos”. Maria Thais Fernandes trouxe contribuições com a definição de narrativa autobiográfica pictográfica.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

